

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Renato Araújo/Câmara dos Deputados



Tabata: vítima da mentira como arma política

Tabata: como se proteger do jogo ilegal da política?

Nas eleições municipais de 2024, a deputada Tabata Amaral foi vítima de um dos episódios mais abjetos da história política recente. Candidata à prefeitura de São Paulo pelo PSB, Tabata foi acusada por Pablo Marçal, que era seu adversário na disputa pelo PRTB, de ter sido indiretamente responsável pela morte de seu pai, Olivaldo. Marçal disse que Tabata teria partido

para os Estados Unidos, para estudar na Universidade de Harvard, sem dar assistência ao pai, que era vítima de alcoolismo. Era mentira. Quando perdeu seu pai, Tabata ainda estava no Brasil. E ele ainda teve a chance de comemorar com ela o anúncio de que a menina pobre, de 17 anos, com seu esforço, fora admitida em uma das melhores universidades do planeta.

Mais de um ano

Mais de um ano depois do ataque feito, a Justiça Eleitoral de São Paulo condenou há uma semana Pablo Marçal por difamação. Tabata, porém, ressalva: “O julgamento não terminou e deve ainda durar muito tempo”. A reparação afinal ainda não aconteceu.

Tática

Há um componente em todo o processo que assusta. Na campanha municipal, Pablo Marçal fez da mentira instrumento para obter dividendos políticos. Parecia partir da certeza de que, quando a verdade fosse restabelecida, ele já teria ganho com a confusão que provocara.

Renato Araujo/Câmara dos Deputados



Guilherme Boulos também foi vítima

O que a Justiça pode fazer para ter resposta rápida?

Assim como fez com Tabata, Pablo Marçal fez com Guilherme Boulos (Psol), candidato à prefeitura pelo Psol. Na véspera do primeiro turno, Marçal divulgou um laudo médico falso que atestava uma passagem de Boulos em uma clínica por uso de drogas, também uma mentira. “Eu me pergunto o que poderia

acontecer se Pablo Marçal tivesse sido eleito prefeito. Será que a acolhida da Justiça ao meu processo seria a mesma?”, questiona Tabata ao Correio Político. “Quantos votos ele ganhou com aquela mentira? Quantos votos eu perdi?”, pergunta ela. “Não sei o quanto isso me prejudicou politicamente. Sei o quanto machucou”

Eleições

O que preocupa é o grau cada vez maior de sofisticação da aparelhagem para a falsificação política e para a construção da mentira, com o avanço da inteligência artificial. E, infelizmente, também com o avanço da falta de escrúpulos de muitos aventureiros.

Esperança

‘Eu tenho esperança de que uma hora nós, sociedade, iremos solucionar essas questões’, disse Tabata. “Se eu não tivesse esperança na possibilidade de avanço e de mudança, eu nem estava na política”, completou. “Mas quando, afinal, faremos isso, não sei dizer”.

Soluções

Tabata não enxerga no momento um empenho forte da Justiça Eleitoral para se aparelhar para um jogo que já foi pesado na campanha municipal do ano passado e tende a ser mais pesado ainda. Muito menos do Congresso, que rejeita avançar sobre a discussão do tema.

Não agora

“Mas, infelizmente, não acho que essa solução virá nas eleições do ano que vem”, pontua Tabata. Para a deputada, um risco que desestimula. “Muitas mulheres jovens sonham com a política. Mas, quando vê acontecer algo como aconteceu comigo, muita gente desiste”.

COP30: ao fim, muitas frustrações, alguns avanços

Fim dos combustíveis fósseis ficou fora do texto final

Bruno Peres/Agência Brasil



Não inclusão do Mapa do Caminho no texto da COP frustrou expectativas

Por Isabel Dourado

A Conferência do Clima, COP30, realizada em Belém (PA), terminou no sábado (22) com avanços e pendências que devem continuar sendo debatidas. Durante duas semanas intensas, representantes de mais de 190 países tentaram fechar acordos e chegar a um denominador comum a respeito de uma série de medidas para mitigar a crise climática, mas houve dificuldades na inclusão do “Mapa do Caminho” (Roadmap), que ficou fora do documento final, apesar de ter recebido o apoio formal de mais de 80 países.

A proposta estratégica elaborada pelo Brasil visava estabelecer uma série de medidas para reduzir o uso de combustíveis fósseis e zerar o desmatamento. O Mapa do Caminho foi liderado pela ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva e defendido pelo presidente Lula que fez um discurso contundente na Cúpula dos Líderes que aconteceu nos dias 6 e 7, marcando a abertura simbólica da Conferência da ONU.

29 textos

A COP30 encerrou com a aprovação de 29 textos que tiveram pontos centrais sobre temas como adaptação climática, transição justa, medidas de mitigação e gênero. Entretanto, chegar a um consenso entre os países foi um grande desafio. Na primeira semana das negociações, o Brasil conseguiu retirar as pautas consideradas mais polêmicas da agenda oficial e colocá-las em um grupo separado de discussão.

A presidência da COP tinha a intenção de tratar do Mapa do Caminho em uma discussão paralela devido à resistência de países produtores de petróleo. A União Europeia afirmava que não aceitaria nenhuma decisão final do documento caso o Mapa do Caminho não fosse citado e isso travou as discussões até o último momento.

Fundo

Além disso, não houve referência clara sobre quais providências serão adotadas para manter o aquecimento abaixo de 1,5° C, segundo cientistas esse limite já vem sendo superado. Apesar do texto final aprovado ter segurado metas ambiciosas, o governo brasileiro reconheceu os avanços como o lançamento do Fundo Florestas Tropicais Para Sempre (TFFF na sigla em inglês), iniciativa multinacional voltada à conservação e restauração de florestas tropicais. Além da participação dos povos indígenas e comunidades tradicionais nas discussões.

Frustrante

A diretora-executiva da Conferência, Ana Toni, falou à imprensa minutos antes da plenária de encerramento começar no sábado e afirmou que foi “frustrante” a não adoção por parte dos países em estabelecer o Mapa do Caminho para planejar a substituição dos combustíveis fósseis. Ela reconheceu que o tema não havia sido abordado desde os encontros preparatórios realizados em Bonn, na Alemanha, etapa em que os governos discutem questões técnicas e políticas para avançar nas negociações que são levadas para a COP.

“Foi uma frustração no sentido de que a crise climática necessita de um mapa do caminho. Ao mesmo tempo, a gente sabe que, diferente dos outros temas, essa agenda não foi colocada na agenda desde Bonn, como todos os outros temas.”

O presidente da COP30, André Corrêa do Lago, disse que mesmo que o Mapa do Caminho tenha ficado de fora, seria divulgado separadamente como uma iniciativa exclusiva da presidência brasileira, e afirmou que usará os 11 meses restantes de mandato à frente da COP para fomentar o debate sobre a viabilidade da transição energética.

Pendências

Especialistas consultados pelo Correio da Manhã são unânimes em afirmar que a Conferência do Clima realizada no país despertou, ao longo do último ano, grandes expectativas quanto à adoção, a partir das discussões em Belém, de medidas e compromissos voltados a transição das energias baseadas em combustíveis fósseis para fontes consideradas limpas. Entretanto, ressaltam que eram necessárias declarações e acordos efetivos sobre o financiamento, por parte dos países ricos, a nações em desenvolvimento, sobretudo diante do cenário crítico que, segundo as fontes ouvidas,



Tânia Régio/Agência Brasil

Participação indígena foi considerada um avanço

evidencia o avanço acelerado da humanidade rumo a um colapso ambiental e ecológico.

O climatologista Carlos Nobre - que integra o grupo de pesquisadores do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU (IPCC) -, avalia que a falta da menção à redução rápida dos combustíveis fósseis no documento final da COP é um fator preocupante. Ele aponta que os países produtores de petróleo têm dificultado metas climáticas mais ambiciosas. Nobre alerta ainda que 75% das emissões de gases de efeito estufa vem dos combustíveis fósseis, e que, em cerca de 10 anos, o mundo deve ultrapassar o limite de 1,5°C de aquecimento global.

“Nós cientistas dizemos com clareza que não ficamos nada satisfeitos, inclusive com a retirada do Mapa do Caminho. Não falaram nada de redução rápida dos combustíveis fósseis. Eu acompanhei as discussões nos últimos dias, vários países queriam que isso fosse colocado, e outros países

produtores de petróleo não permitiram; não surgiu o consenso, foi uma situação bem complexa”, pontua.

Na avaliação do climatologista e professor do departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Francisco Mendonça, a Conferência era especialmente aguardada não por trazer novas estratégias de enfrentamento à crise climática, mas por avançar na implementação das ações.

“Tínhamos a esperança de que o Mapa do Caminho ia pelo menos ser mencionado no documento. Mas não aconteceu, o petróleo venceu, os produtores de petróleo venceram. Realmente foi uma expectativa não atendida. A gravidade do problema foi mostrada em Belém, a ciência tem chamado a atenção para a necessidade do abandono dos combustíveis fósseis. O Brasil é um país importante, sediou esta COP, é um player mundial importantíssimo, mas nós não temos condição, enquanto país, de tomar ou provocar uma decisão de tamanha

sil — eu estava lá —, junto com o presidente Lula, a ministra Marina e o ministro Haddad, lançou essa ideia. Depois disso, passaram-se dois anos avançando nos cálculos até chegarem aos números atuais. A meta é reunir 25 bilhões de dólares provenientes de países e governos, e 100 bilhões do setor financeiro privado. E é importante destacar: isso não é doação, é um fundo de investimento. Ele só vai aplicar recursos em iniciativas sustentáveis. Ninguém poderá usar esse dinheiro para explorar petróleo, carvão, gás natural ou realizar qualquer tipo de desmatamento”, explica Carlos Nobre.

A ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, fez um discurso realista no encerramento da Conferência. Ela citou que foi dado um passo importante no reconhecimento dos povos indígenas e comunidades tradicionais, responsáveis por manter as florestas em pé. A ministra também falou dos avanços nas discussões climáticas mesmo que modestos e citou o lançamento do TFFF e o classificou como “um mecanismo inovador que valoriza aqueles que conservam e mantêm as florestas tropicais”.

Participação indígena

Os povos indígenas foram incluídos em três textos fundamentais e foram apontados como agentes cruciais na mitigação da crise climática. O líder indígena e membro da Coordenação da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja), Beto Marubo, afirma que a participação dos indígenas nas zonas da Conferência representou um avanço significativo, especialmente em comparação com as edições anteriores. Para ele, esse é um dos legados positivos deixado pela COP 30.

“Houve indígenas participando, mas não no nível esperado, de qualquer forma, apenas o fato de haver uma das maiores delegações indígenas credenciadas para participar tanto da Zona Azul quanto da Zona Verde foi expressivo. Em comparação com as primeiras Conferências, onde havia apenas dois ou três indígenas, agora existe uma delegação numerosa, o que representa um avanço importante.”

Em concordância com a liderança, o climatologista Francisco Mendonça afirma que o maior legado da COP30 é a participação dos povos indígenas. “A COP30 deu uma sacudida no Norte Global, nos países desenvolvidos, nos grandes destruidores — direta e indiretamente — da natureza, da Amazônia. Eles tiveram que conviver com centenas de indígenas com suas caras pintadas, cocares e roupas”.